

Coral sob batuta feminina

16 JUN 2003

JORNAL DO BRASIL

Senado Federal

JORNAL DO BRASIL

Maestrina Glicínia comanda 40 vozes no Senado

FLÁVIA ROCHET

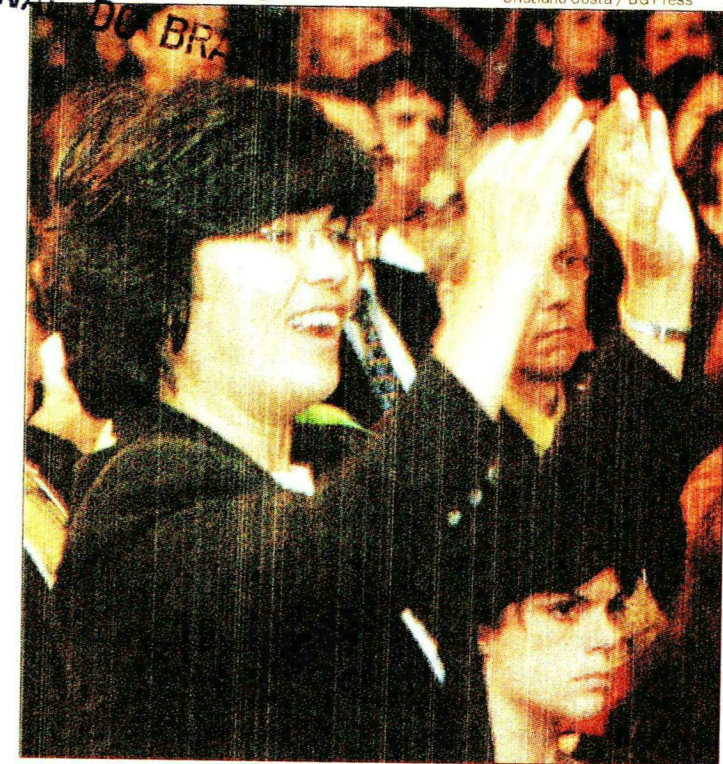
A música está cedendo espaço para as mulheres. Se normalmente são os homens quem dominam a arte de reger orquestras, nos corais, a emoção e sensibilidade feminina falam mais alto. A maestrina Glicínia Mendes, 46 anos e 20 de profissão, coordena as vozes de 40 cantores do Coral do Senado. Paranaense, Glicínia começou a estudar música aos sete anos e se tornou a primeira musicista da família. A sua formação, começou em Goiânia (GO), cidade natal de seus pais. Entre os mestres que lhe ensinaram o gosto pela música, o maestro Cláudio Santoro. Sucesso no Brasil e nos países latino-americanos, o Coral do Senado já emocionou até o atual presidente da Casa, José Sarney.

– Não é muito comum ver mulheres regendo orquestras ou até mesmo corais. As maestrinas estão ganhando mais espaço?

– Com certeza. A orquestra ainda é uma entidade mais ortodoxa do que o coral. Enquanto o coral é mais popular e amador, as orquestras são mais profissionais e exigem mais o domínio dos instrumentos. Hoje, é muito mais comum mulheres na regência de corais e homens nas orquestras.

– Qual o diferencial da regência feminina?

– Essa é uma questão muito pessoal, porque a mulher tem um pouco mais de facilidade pela posição de formação na sociedade. Ela é mais induzida a soltar os seus sentimentos. Nesse sentido, o lado emocional da música



CORAL Glicínia começou a estudar música aos sete anos

se solta mais fácil. O homem é mais cobrado, mais durão. O grande desafio é você ter uma boa técnica, ter bastante estudo e conhecer bem o que você faz. É preciso ir muito mais além, trabalhar a música, estilo e também conhecer o aparelho vocal.

– Como é trabalhar com a música?

– A montagem de uma interpretação musical é uma construção diária. Você vai treinando detalhe por detalhe. É como você construir uma casa, você vai colocando os tijolos, mas além dos tijolos tem as muretas e colunas. Tudo isso existe na música também. Vamos montando cada parte e trabalhamos as pessoas para que elas façam isso, em grupo.

– Como você avalia a música em Brasília? Poderia haver mais eventos na área musical?

– Eu acho que a cultura erudita é pouco difundida na sociedade brasileira. Mas a cultura popular é bem

servida, apesar de ter pouco apoio do ponto de vista governamental ou mesmo da própria sociedade. Mas a música erudita realmente tem poucas portas. Nós precisamos abri-las.

– Como nasceu o coral do Senado?

– Alguns funcionários do Senado tiveram vontade de fazer um coro para cantar no Natal de 1996. Essa vontade de cantar aumentou tanto que se transformou em um verdadeiro coro. Alguns funcionários, como Marilena Chiarelli e Eliane Manhães, se juntaram e falaram na época com o presidente da casa, José Sarney. Atualmente são 40 cantores. Cada ano isso aumenta um pouco.

– Há alguma diferença no trabalho daqueles funcionários que participam do coral?

– O coral é uma lição de vida. Eu tenho um amigo que diz que quem canta em coral está pronto para as dificuldades de qualquer situação

de convívio. Você tem que combinar tudo o que você faz com o seu grupo. Você tem que se submeter a uma entidade maior que é a música. Quem compõe a música é você, cantando em determinado estilo, situação e voz. Existe todo um preparo nesse estilo. A música ainda trabalha a assiduidade, pontualidade e compromissos que a cada dia que passa parece que são mais difíceis de a gente conseguir cumprir.

– Qual o estilo musical do Coral do Senado?

– O principal objetivo é cantar músicas que tenham a ver com o grupo e também que chamem a atenção para a crítica construtiva no país. Nós somos um coro de uma instituição que precisa cuidar do povo brasileiro. Nesse sentido, nós temos essa responsabilidade de cuidar da cultura e passar a cultura para o povo. Em cima disso também ajudar o povo a lembrar que precisa amar e cuidar do país. Nós estamos pela primeira vez cantando uma música do Villa-Lobos, um compositor bastante rebuscado, bastante exigente. Temos que estudar bastante para fazê-lo. Estamos ousando ao cantar a primeira música desse compositor maravilhoso. Apresentamos também músicas folclóricas do nosso país, música popular, além de erudita e internacionais.

– Como é a recepção do público com músicas do folclore brasileiro?

– O público fica doido quando ouve, principalmente quando a música tem a ver com eles. Se percebemos que no evento terá muito público do Nordeste, nós cantamos as nossas músicas nordestinas.